

Responsabilidade e cuidado com a casa comum: apontamentos teológicos a partir da encíclica *Laudato si'*

Responsibility and care for the common home: theological notes from the encyclical *Laudato si'*

Cesar Kuzma¹
Lucíola Cruz Paiva Tisi²

Resumo

O artigo traz uma reflexão sobre a encíclica *Laudato si'*, do papa Francisco, que em 2020 comemora cinco anos de sua publicação. Esse documento chama a atenção para a realidade em que se encontra a Terra, nossa casa comum, e aponta para os desafios ecológicos que incidem em aspectos políticos e sociais, que atingem a todos. A proposta da *Laudato si'*, que pretendemos explorar com esta reflexão, é o convite oferecido a todos para uma atitude de responsabilidade e cuidado para com a criação. O trabalho se divide em duas partes. Primeiramente, temos a intenção de destacar a realidade da Terra, a situação em que se encontra, os desafios e a sua capacidade de gerar e lutar pela vida. Na sequência, trataremos sobre a questão social, que está diretamente ligada e é onde o contexto exige uma mudança em nossas práticas e atitudes. O documento propõe uma ecologia integral, no resgate de uma harmonia presente na criação e convida a todos a um momento novo, ao encontro na casa comum.

Palavras-chave

Laudato si'. Casa comum. Cuidado. Responsabilidade.

Abstract

The article reflects on pope Francis' encyclical *Laudato si'*, which in 2020 celebrates five years of its publication. This document draws attention to the reality of the Earth, our common home, and points to the ecological challenges that alters political and social aspects, which affect everyone. *Laudato si'* proposal, which we intend to explore with this reflection, is the invitation offered to everyone for an attitude of responsibility and care for creation. The work is divided into two parts. First, we intend to highlight the reality of the Earth, the situation in which it finds itself, the challenges, and its capacity to generate and fight for life. Then, we intend to address the social issue, which is directly linked and is where the context requires a change in our practices and attitudes. The document proposes an integral ecology, in the rescue of harmony present in creation, and invites everyone to a new moment, to meet in the common house.

Keywords

Laudato si'. Common home. Care. Responsibility.

¹ Doutor e mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Professor do Departamento de Teologia da PUC-Rio. Contato: cesarkuzma@gmail.com.

² Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Contato: lpavatisi@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

A responsabilidade e o cuidado são exigências de nossa participação na casa comum, são condições que decorrem da nossa vocação e que estão inseridas na categoria de imagem e semelhança, que nos foi dispensada pelo próprio Deus, em seu ato criador. Esta condição não nos deixa passivos, mas ativos, pois somos chamados a uma ação, a um modo de viver e de responder este dom que recebemos e que acolhemos livremente. A partir desta relação, o ser humano possui uma condição ativa no meio em que vive, onde ele é chamado a interagir e responder pelos seus atos e opções. Ele se torna-se responsável, ele faz parte da criação, para a qual se coloca em uma atitude de cuidado. Atentos a esta incumbência, percebemos que o mundo tem mudado e que estas alterações são rápidas e constantes. As inúmeras mudanças no modo de viver das pessoas, o uso excessivo dos recursos naturais, o avanço econômico e o desequilíbrio social são questões que trazem um alerta sobre o nosso futuro enquanto humanidade, para a condição de sobrevivência da Terra, nosso planeta, que como um organismo vivo é a única casa que temos, nossa casa comum.

Para atender a essa demanda e na intenção de responder teologicamente a essa problemática, seguiremos com o nosso trabalho, apresentando um entendimento e possíveis caminhos de reflexão. Tendo em vista os cinco anos da publicação da encíclica *Laudato si'*, do papa Francisco, que chama a atenção para o fato de que o grito da Terra é o grito dos pobres, dividiremos o nosso trabalho em duas partes: primeiramente, a questão da Terra, sua condição e seus desafios. Esta é uma parte importante e que nos obriga a olhar os dados atuais que descrevem o descaso humano e as visíveis consequências para o meio ambiente, modificando e trazendo alterações que desequilibram a vida em sua totalidade. Na sequência, nossa tarefa será refletir sobre a questão social, os crescentes fatos gerados pela crise ecológica e pela falta de cuidado com a vida, que produz desigualdade, pobreza e exclusão. A escolha por estes dois caminhos nos coloca diante do chamado que o ser humano tem para com a criação, vivida no exercício da sua vocação, que como dissemos acima, é dom de Deus. São necessárias novas atitudes, para as quais não se buscam ações isoladas, mas coletivas, que exigem novos comportamentos e o avançar para uma relação de espiritualidade, em uma percepção onde tudo faz parte de um todo, onde tudo responde a um todo, onde somos convidados a ser e a viver, plenamente. Entendemos que é necessário parar e discernir novos caminhos, novas atitudes que exigem uma nova forma de relação do ser humano com o mundo onde vive, com a natureza e com as pessoas que o cercam, para as quais devemos nos colocar em atitude de responsabilidade e cuidado.

1 A TERRA QUE GERA E LUTA PELA VIDA

A Terra e tudo o que ela encerra, assim como todo o universo, o cosmos que nos envolve, buscam um equilíbrio como organismo vivo. Assim, cheio de vida, tudo se movimenta para alcançá-lo. As órbitas planetárias, as constelações, as galáxias são belezas que

contemplamos de baixo. O cosmos como um todo é responsável pela manutenção da vida no nosso planeta e faz bem o seu papel e, de maneira direta e indireta contribui para a nossa existência. Organizado em uma lógica dinâmica, o universo em curso anima e influencia nossa vida no pequeno planeta azul, troca energia, influencia o clima e as marés e vai, dessa forma, alimentando e gestando a vida que segue o seu curso.

O papa Francisco, na sua encíclica *Laudato si'*, chama a nossa atenção para a necessidade de nossa relação com a natureza, com o meio ambiente; chega a falar de uma relação de amor. Através de seu documento, ele afirma:

Na tradição judaico-cristã, dizer “criação” é mais do que dizer natureza, porque tem a ver com um projeto de amor de Deus, onde cada criatura tem valor e um significado. A natureza entende-se habitualmente como um sistema que se analisa, compreende e gere, mas a criação só se pode conceber como um dom que vem das mãos abertas do Pai de todos, como uma realidade iluminada pelo amor que nos chama a uma comunhão universal (LS 76).

Da natureza somos completamente dependentes, mas parece que esquecemos disso. Precisamos da água limpa, indispensável para a vida humana, do oxigênio gerado pelo processo de fotossíntese, das florestas, dos sais minerais da terra, das vitaminas contidas nos vegetais etc. Tudo o que é necessário para viver nos é generosamente dado pela Terra, pela natureza. Da mesma maneira, a luz do sol é indispensável para que se desenvolvam as plantas, para termos saúde, para sintetizar vitaminas e minerais em nosso organismo humano. Somos dependentes da Terra que temos desprezado, coisificado e desvalorizado, da natureza que é dom de amor de Deus. Seguindo o raciocínio da *Laudato si'*, se diz que “tudo é carícia de Deus” (LS 84), pois cada criatura tem o seu espaço e é chamada à sua realização, em uma relação de harmonia que integra a tudo e a todos. “Tudo está interligado” (LS 91).

Carlos Mestres, ao receber o *Prêmio SOTER/João Batista Libanio 2018*,³ exemplificou que o amor de Deus é como a luz pequena que surge na escuridão, não aquela que aparece no fim do túnel, que vemos a distância, mas a que brota do profundo da escuridão e gera vida, possibilidades, que também é como o sol que surge a cada amanhecer nos proporcionando a cada dia um novo renascimento, gerando sempre possibilidades de mudanças e transformações. Na ocasião, ele ainda deu outro exemplo, dizendo ser o amor de Deus similar ao amor conjugal dos amantes que geram vida nova. Questionamos, então, se estamos comungando com esse amante que se oferece em amor suplicante, gerando sempre novas perspectivas para nos seduzir, para que possamos enxergá-lo e nos entregar tão perdidamente, ao ponto de não ter outro desejo, senão agradá-lo e retribuir este amor.

³ A premiação ocorreu no 31º Congresso Internacional da SOTER (Sociedade de Teologia e Ciências da Religião), em julho de 2018, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Mesters, em sua fala de agradecimento, exemplificou o amor de Deus e como este amor se manifesta.

No entanto, a ação humana no planeta, e por que não dizer também fora dele – já que o universo a nossa volta está cheio de detritos de satélites que já não servem mais girando em órbita em torno do planeta – é de destruição do próprio meio onde vive e precisa viver. São situações que provocam gemidos na “irmã terra” e estes gemidos se unem aos gritos dos abandonados e dos pobres do mundo, como um só lamento que reclama de nós outro rumo e outra atitude (LS 53). É por onde Francisco faz o apelo a toda a humanidade, na esperança de um diálogo aberto e sincero com todos (LS 13-16). Francisco diz que devemos integrar a justiça em todo esse debate para que possamos ouvir tanto o grito da Terra como o grito dos pobres (LS 49), uma advertência que Leonardo Boff já tinha feito anos atrás, quando tocou no mesmo problema em *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres – dignidade e direitos da Mãe Terra* (BOFF, 2015). Esta é uma obra clássica, uma das primeiras a tratar este assunto e avançar para o que chamamos hoje de ecoteologia.

Gritam os pobres sob pesada carga de opressão econômica, de discriminação social e de violência direta das guerras “inteligentes” modernas. Gritam as florestas, abatidas em todas as partes do mundo sob a voracidade produtiva, pois no lugar de árvores frondosas e centenárias pasta o gado para a carne de exportação. Gritam os rios contaminados pelos agrotóxicos da monocultura da soja, do fumo, dos cítricos e outras. Gritam os solos contaminados por milhões de toneladas de pesticidas. Gritam os ares envenenados por gases de efeito estufa. Gritam as espécies, dizimadas aos milhares a cada ano. Gritam inteiros ecossistemas devastados pela superexploração de seus bens e serviços. Grita a humanidade inteira ao dar-se conta de que pode ser exterminada da face da terra por dois tipos de bomba: pela bomba das armas químicas, biológicas e nucleares e pela bomba ecológica representada pelo aquecimento global, que não acaba e aumenta ano após ano. Enfim, grita a Mãe Terra contra a qual está se levando uma guerra total: no solo, no subsolo, no ar, nos oceanos, em todas as frentes; guerra da qual não temos qualquer chance de ganhar, pois nós precisamos da Terra, mas ela não precisa de nós (BOFF, 2015, p. 7).

Percebemos, na nossa realidade atual, uma falta de consciência do ser humano, do que significa verdadeiramente ser humano, daquilo que o faz humano, do que o faz ser, portanto, imagem e semelhança de Deus, criado por ele e, no ato criador, na responsabilidade de olhar e de gerir pelo mundo criado (Gn 1,26-27; 2,18-20). Lembramos, aqui, das relações básicas para que o ser humano possa se realizar em plenitude, vivendo na sua integralidade, isso é, em harmonia às três relações fundamentais: em comunhão, numa relação de amor com Deus, com o outro, com a natureza (LS 66), e poderíamos incluir aqui uma quarta harmonia, também necessária, que é a harmonia do ser humano consigo mesmo. Isso implica em viver na solidariedade e no amor. Significa viver na alteridade, respeitar as diferenças e as diversidades com quem se convive e se partilha a vida; viver a interpelação cotidiana, cuidando dos mais frágeis e vulneráveis, valorizando e promovendo a vida em sua totalidade; viver em comunhão com a natureza, com o meio ambiente, onde a vida se realiza, procurando se compreender como pessoa única e singular, com características próprias, em sua integralidade, percebendo suas limitações e fragilidades, mas tendo presente a consciência de ser criatura pelo pai.

Na *Laudato si'* podemos ler esse chamado que, por certo, nos interpela:

O descuido no compromisso de cultivar e manter um correto relacionamento com o próximo, relativamente a quem sou devedor da minha solicitude e proteção, destrói o relacionamento interior comigo mesmo com os outros, com Deus e com a terra. Quando todas essas relações são negligenciadas, quando a justiça deixa de habitar na terra, a Bíblia diz-nos que toda a vida está em perigo (LS 70).

É o que encontramos também na reflexão de Jürgen Moltmann e Leonardo Boff (2014). O texto deles, que aqui fazemos referência, é anterior à *Laudato si'*, mas a apresentação dos problemas e a busca por uma resposta teológica que seja capaz de oferecer um entendimento crítico, pela teologia da criação, e o apontar para um horizonte último, que nos convida a novas atitudes e novas ações, faz com que seja possível perceber aproximações. Os dois autores chamam a atenção para a criação ameaçada e perguntam se ainda há esperança para ela, devido ao descaso e a agressão causada pelo ser humano, que não se percebe parte integrante e integradora na sua relação com a criação. Os dois teólogos, que há tempos se deixam interpelar pela questão socioambiental, vendo ela por um viés teológico, procuraram, cada qual ao seu modo, refletir sobre o problema e, dessa forma, fazem por se aproximar e dialogar com as questões levantadas pela *Laudato si'*, na relação do cuidado, na ação humana e na responsabilidade que temos para com a criação.

Moltmann já havia tratado sobre essa temática em sua teologia, na sua clássica obra *Deus na criação: doutrina ecológica da criação* (1993). Em obra mais recente, em uma tentativa de dialogar com a carta do papa Francisco (MOLTMANN, 2017, p. 11-28), Moltmann insiste que devemos superar o antropocentrismo e dar atenção à vida na Terra, olhando à sua totalidade, sem a qual não pode haver qualquer futuro. Uma preocupação que aparece na *Laudato si'* (LS 118). Boff, por sua vez, tem profunda ligação com o conteúdo da encíclica e há tempos chama a atenção para uma ecologia integral, orientada pelo cuidado da casa comum. Se pegarmos, por exemplo, o capítulo IV da *Laudato si'*, quando se fala de uma perspectiva ecológica que tenha incidência na questão ambiental, econômica e social, esta percepção tem muita relação com a ecoteologia de Boff, desde o seu primeiro livro, *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres – dignidade e direitos da Mãe Terra* (2015), na preocupação dada ao humano e a sua relação com o social, com o meio em que vive. Baptista (2011) chega a falar da teologia teoantropocósmica de Boff, destacando a evolução do seu pensamento, unindo a preocupação com a causa humana, sobretudo dos pobres, a questão ecológica e a espiritualidade. Essas são questões que se aproximam da *Laudato si'* e das intenções do papa Francisco. Em uma obra de diálogo com a encíclica de Francisco, Leonardo Boff (2017) insiste também na questão da espiritualidade e no amor como aspectos integradores da casa comum, o que se aproxima do que falamos acima.

Seguindo com o raciocínio, apontamos que, na interação com a natureza, o ser humano tem assumido uma atitude arrogante, de dominador, que dela se apodera e manipula a seu bem entender, sem questionar as consequências futuras. Esse comportamento se desenvolveu no processo histórico. Com as primeiras descobertas científicas a natureza vai sendo, pouco a pouco, coisificada. O conhecimento científico especula e experimenta, porém, estuda partes, mas o que a ciência não se dá conta é que as partes só existem porque fazem parte de um conjunto em unidade, orgânico dentro de um sistema próprio, e que as partes compõem um todo que não pode ser ignorado em seu conjunto, em sua integralidade. Muito pelo contrário, tem que ser percebido e compreendido em sua dinâmica. As perspectivas das ciências são fragmentadas, porque não percebem o cosmos como um organismo, vivo, organizado e vibrante. É o que diz Boff, em outro momento:

Há um todo dinâmico e orgânico constituindo um sistema aberto. Ele se encontra ainda na gênese. Por isso, mais do que cosmologia deveríamos falar de cosmogênese. A evolução não se processa linearmente, mas em rupturas e saltos a ordens mais complexas e mais altas. O todo é uno e dinâmico, mas contém uma diversidade inimaginável de seres e de energias. Os seres, energias e as ordens são interdependentes. Tudo tem a ver com tudo em todos os pontos, circunstâncias e tempos. A interdependência revela a cooperação de todos com todos. Essa é a lei mais fundamental do universo: a sinergia, a solidariedade e a cooperação (BOFF, 2015, p. 221-222).

As atitudes destrutivas do ser humano são decorrência da negligência, da ambição e da passividade humanas. Uma arrogância que o faz acreditar e dominar a natureza, mas que não permite que olhe para o futuro, não percebendo a sua posição dentro desse processo. Entramos aqui na concepção antropocêntrica que deve ser superada, como já disse Moltmann e que apontamos acima, e que também é um caminho que segue a *Laudato si'* (LS 75; 115-121). Por sua pretensão, o ser humano não percebe as consequências que a própria humanidade vai sofrer em decorrência de sua exploração desmedida. Diante dessa situação, uma atitude responsável deveria levar em consideração o desencadeamento de processos iniciados e suas possibilidades positivas e negativas para o desenvolvimento humano. É o que encontramos em Hans Jonas, quando trata do seu princípio responsabilidade. De acordo com Jonas: “para tomarmos uma decisão, deveríamos tratar como certo aquilo que é duvidoso, embora possível, desde que estejamos tratando de um determinado tipo de consequência” (JONAS, 2006, p. 87). No entanto, o ser humano também não está se conscientizando de seu próprio estado atual, de escravidão e dependência de um sistema opressor que ele mesmo construiu e alimenta. Sem perceber, nele se emaranhou e perdeu suas referências não se sabendo perdido. Não há mais tempo para a alegria das relações. A vida é voltada para o trabalho e esse tem como objetivo a aquisição de bens, o consumo e o status dele proveniente. O importante é ter. A condição do humano é perdida e isso se constitui como denúncia da distância de sua vocação primeira, que é ser com Deus e na relação com toda a criação, da qual faz parte e está integrado e com a qual responde ao sentido último da existência.

2 A REALIDADE SOCIAL

Diante do quadro que apresentamos acima, faz-se necessário e urgente perguntar sobre o mundo que vivemos hoje e que mundo desejamos. Será que estamos conseguindo nos aproximar do mundo que almejamos, do que seria ideal? Quando vemos “acidentes” causados pela falta de zelo e pela ganância de poucos que a tantos sacrificam,⁴ precisamos refletir e nos perguntar quem são esses poucos. Pessoas que não se dão conta de quem são, que já não sabem se definir porque estão totalmente envolvidas na rede do mercado e do crescimento econômico, nessa estrutura global que massifica e que produz uma geração de descartáveis (LS 45).

Trazendo uma reflexão de Hans Jonas para esse debate, encontramos a seguinte explicação:

Hoje na forma moderna da técnica, a *techne* transformou-se em um infinito impulso da espécie para adiante, seu empreendimento mais significativo. Somos tentados a crer que a vocação dos homens se encontra no contínuo progresso desse empreendimento, superando-se sempre a si mesmo, rumo a feitos cada vez maiores. A conquista de um domínio total sobre as coisas e sobre o próprio homem surgiria como a realização do seu destino. Assim o triunfo do *homo faber* sobre o seu objeto externo significa ao mesmo tempo, o seu triunfo na constituição interna do *homo sapiens*, do qual ele outrora costumava ser parte servil. Em outras palavras, mesmo desconsiderando suas obras objetivas, a tecnologia assume um significado ético por causa do lugar central que ela agora ocupa subjetivamente nos fins da vida humana (JONAS, 2006, p. 43).

Nos encontramos hoje diante de uma realidade em que, muitas vezes, as pessoas leem a própria existência sob a lente do poder econômico, do sistema dominante, como se o dinheiro e o status fossem a fonte da felicidade. Por se encontrarem em uma camada social mais privilegiada economicamente, com recursos financeiros, algumas dessas pessoas adquirem poder sobre determinadas situações e estruturas, também sobre outras pessoas. Trata-se de um necropoder, pois é um poder que produz morte, violência, exclusão. Assim, não percebem que o que realmente aspiram e o lugar onde vivem são bem diferentes da realidade presente, criando uma deterioração da qualidade de vida humana e uma degradação social, com graves consequências (LS 43-47). Essas pessoas vivem relações “empobrecidas”, geradas por um sistema mercadológico perverso e especulativo (LS 56), sem se darem conta de que estão por ele sendo também escravizadas. O medo de “ser” leva ao domínio do outro, leva à violência produzida pelo sistema. A frustração leva à opressão, como se através do empoderamento sobre

⁴ Vêm a nossa mente os crimes ambientais e as tragédias de Mariana (2015) e de Brumadinho (2019), no Brasil, com centenas de mortos e ainda sem punição para os responsáveis. Destacamos também o aumento do desmatamento na Amazônia brasileira e a tentativa do governo brasileiro (na gestão Bolsonaro e Salles) em flexibilizar essa exploração, cedendo e favorecendo a ordem do capital e interesses especulativos, o que, além de tudo, traz uma desestabilização local, perda de direitos e morte para os povos indígenas. Podemos dizer o mesmo sobre as queimadas no pantanal brasileiro, com consequências gravíssimas para a biodiversidade e para a vida de muitas pessoas que ali residem e encontram o seu sustento.

o outro fosse possível combater o desespero do fracasso pessoal, do vazio da vida desperdiçada. Ao invés de se fortalecer um espaço comum, temos o enrijecimento de individualismos e de posições fechadas e de isolamento. Em nível de sociedade, criam-se barreiras econômicas, políticas e sociais que, em pleno século XXI, com todos os avanços que temos e que poderiam produzir vida e inclusão de todos, se produz, ao contrário, aquilo que Francisco chama de “globalização da indiferença” (LS 52), um pecado contra a vida e que traz morte. Faz-se necessário superar essa condição com uma articulação de todos, na busca por responsabilidades diversificadas e coletivas.

De acordo com Hathaway e Boff (2012, p. 465):

Ninguém, nem mesmo os mais ricos e poderosos quer viver num mundo degradado onde a beleza e a diversidade se tornaram memória distante. ninguém deseja viver num mundo onde as divisões entre ricos e pobres levam a violência e a insegurança para todos. Ninguém quer ver as oportunidades das futuras gerações solapadas por séculos, ou mesmo milênios.

Os ritmos da destruição do planeta, os danos à natureza, a enorme desigualdade social, com uma precária distribuição de renda, nunca foram tantos. Estamos na era da técnica, onde os recursos parecem ser ilimitados. É inconcebível a realidade de tantos que vivem na miséria, não tendo condições básicas para viver. Enquanto nos países desenvolvidos e ricos a fartura e os avanços na área da saúde geram uma maior qualidade de vida, aumentando a longevidade, em países em desenvolvimento, em especial no continente africano, não há água potável para grande parte da população e a mortalidade infantil adquire índices absurdos. Fatos como esses também se fazem presentes na América Latina, caracterizado com o continente mais desigual,⁵ devido a enorme barreira presente entre ricos e pobres, com gigantescos muros de desigualdade e de exclusão social. Sabemos, todavia, que essa realidade não está presente apenas nos países em desenvolvimento, também vemos em países desenvolvidos economicamente traços de desigualdade e pobreza, pois o sistema do capital não comporta a todos, deixando sempre uma parte considerável da população, aqueles que não são suficientemente capacitados [ou impedidos de outra ordem], sem acesso aos recursos, excluídos desse progresso e desenvolvimento. Há sempre uma massa de sobrantes, como já havia acusado o *Documento de Aparecida* (62), vítimas de um sistema social e econômico que é injusto em sua raiz, disse o papa Francisco na sua exortação *Evangelii gaudium* (59). Recentemente, por conta do avanço da COVID-19, essa condição da desigualdade se tornou mais evidente em vários países, deixando aqueles que já vivem na pobreza em uma situação de maior vulnerabilidade social (KUZMA, 2020). Faz-se necessário perguntar, como já disse anos atrás Gustavo Gutiérrez, onde dormirão

⁵ Dados da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe de 2018. Disponível em: <https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/44412/1/S1801085_pt.pdf>. Acesso em: 1 out. 2020. Por conta da COVID-19, a expectativa é que haja um aumento da desigualdade social em todo o mundo, com gravíssimas consequências.

os pobres, pois pobreza, nesse caso, significa morte, morte precoce e injusta (GUTIÉRREZ, 2003, p. 31).

Podemos ler o que diz o papa Francisco na *Laudato si'*:

Um problema particularmente sério é o da qualidade da água disponível para os pobres, que diariamente ceifa muitas vidas. Entre os pobres, são frequentes as doenças relacionadas com a água, incluindo as causadas por micro-organismos e substâncias químicas. A diarreia e a cólera, devidas a serviços de higiene e reservas de água inadequados, constituem um fator significativo de sofrimento e mortalidade infantil. Em muitos lugares, os lençóis freáticos são ameaçados pela poluição produzida por algumas atividades extrativas, agrícolas e industriais, sobretudo em países desprovidos de regulamentação e controles suficientes (LS 29).

No entanto, o ser humano comum dos países ricos se aliena numa realidade de conforto e consumo como se vivessem num parque temático, num mundo fantasioso que só é real para uma pequena realidade próxima, fechada, onde as pessoas preferem viver a vida, o que Bauman identifica como “comunidades guarda-roupa” (BAUMAN, 2005, p. 37). Os centros urbanos se fragmentam em guetos, onde os cidadãos se isolam vivendo em medo constante, favorecendo a fugacidade das relações, medindo a qualidade do indivíduo por aspectos econômicos. Podemos perceber essa realidade mesmo na forma de nos organizarmos nos grandes centros urbanos, gerando uma realidade social de exclusão, na qual muitos optam por viver em condomínios fechados, reduzindo a convivência com as diferenças.

As fortalezas ou ilhas de riqueza comprometem a permeabilidade entre espaços públicos e privados a partir de uma série de regras rígidas e falta de igualdade de acesso. Podemos considerá-los como guetos exclusivos onde as classes altas e médias/média altas se trancam em sua própria forma de privatização de capital e raramente precisam sair desses espaços, graças as amenidades e oportunidades de serviços providos dentro deles, inclusive religiosos. A propagação da globalização encoraja esse estilo de vida homogêneo, enquanto afasta seus moradores das práticas de desenvolvimento local e de atenção ao seu semelhante. No mundo globalizado, a urbanização se faz presente ainda que como uma ideia, as cidades atraem para si a população rural com promessa vazia de um mundo melhor, mais desenvolvido. Nessa ilusão, surgem nas periferias comunidades que vivem, na maioria das vezes, situação de verdadeira miséria, um profundo abandono pelo poder público que decorre da brutalidade econômica do atual sistema e da incapacidade de relação entre as pessoas, gerando discriminação, opressão e pobreza, gerando morte. É uma lógica perversa que opera em nossas cidades, como acusava Libanio (2002, p. 48), na qual a favelização vai junto com a pauperização e traz todas as consequências psicossociais e morais.

A partir dessa exposição de Libanio, perguntamos, buscando uma inquietação teológica para esse dado: “Que casa é esta que edificareis para mim? E que lugar é este para meu descanso? Tudo isso foi minha mão que fez, tudo isso é meu, diz o Senhor” (Is 66,1-2). Acreditamos que estas perguntas do profeta Isaías incidem com a proposta de trabalho aqui

Caminhos de Diálogo, Curitiba, ano 8, n. 13, p. 308-319, jul./dez. 2020
316 ISSN 2595-8208

apresentado, chamando a atenção para a nossa responsabilidade e cuidado para com a casa comum, uma casa que nos foi dada e que também construímos. A criação, a natureza, nos foi concedida por amor como habitação para podermos dela tirar, sim, o necessário para vivermos, mas não da forma exploratória que fazemos, mas de maneira sustentável, se isso ainda for possível, de forma respeitosa, reconhecendo que ela é nosso lar enquanto peregrinos nessa vida. Todavia, a realidade tem se mostrado muito diferente e a pergunta emergente é: o que estamos fazendo com a criação? O que estamos fazendo com o grande dom que recebemos? Que percepção fazemos da nossa responsabilidade e cuidado? Precisamos despertar e olhar a nossa realidade de frente, avaliar os nossos erros e as suas consequências, ir em busca da sabedoria necessária para implementar mudanças que nos libertem das condições em que nós mesmos nos colocamos.

Novamente, voltamos a Hathaway e Boff:

Esquecemos a antiga sabedoria que nos ensinou que não controlamos a natureza, ao invés disso somos totalmente dependentes de sua generosidade e boa vontade. É mais fácil enviar um homem à lua e trazê-lo de volta à Terra que fazer os seres humanos respeitarem os ritmos da natureza e os limites dos ecossistemas. Por essa razão agora colhemos os frutos apodrecidos da vida dessacramentada; essas são as consequências causadas pelo uso do poder da tecnociência a serviço de poucos que só procuram acumular bens e riquezas (HATHAWAY; BOFF, 2012, p. 462).

Afinal, que bens realmente estamos acumulando? O poder de compra dita quem tem o sucesso, quem pode ter uma vida confortável ou não. As coisas são produzidas às custas do trabalho humano com baixa remuneração. Os operários das grandes manufaturas trabalham horas a fio na consciência de que muito dificilmente poderão adquirir o produto que fabricam. O consumo, resultante de um mercado que explora os recursos naturais e humanos é excludente. Deixa-se de fora um enorme contingente que sonha com produtos manufaturados como se fossem geradores de felicidade e bem-estar. O consumo substitui a alegria e a felicidade, como acusava Lipovetsky (2007, p. 192).

A felicidade é o que todo ser humano deseja. É conceito abstrato que aprendemos desde crianças como estado a ser almejado, mas que não conseguimos definir. Já os antigos filósofos tentavam explicar o que seria. A ideia de felicidade, no entanto, tem sido desviada para a posse de bens, para o aprimoramento do conforto, para um consumo desmedido. Hannah Arendt traz uma rica reflexão sobre a condição da felicidade estabelecida pelo consumo.

Agora tudo o que ajuda a estimular a produtividade e alivia a dor e o esforço torna-se útil. Em outras palavras, o padrão último de medida não é de forma alguma a utilidade e o uso, mas a felicidade, isto é, a quantidade de dor e prazer experimentada na produção ou no consumo das coisas (ARENDDT, 2010, p. 386).

O ser humano, hoje, na vida corrida que leva, procura a felicidade, mas não sabe onde encontrá-la. Busca-a na realização pessoal de seu esforço, seja ele físico, mental, na satisfação de possuir bens ou honras, nas sensações de prazer e até mesmo de poder. O que queremos aqui apresentar é que ela só se realiza de modo embrionário e em episódios nas relações humanas. Relações de carinho, de afeto, de solidariedade, de amor. Por quê? A felicidade é gerada pela gratidão. Ela é fruto da gratidão do amor, do carinho recebido que faz sorrir não só os lábios e os olhos através de um brilho especial, mas que faz sorrir e abraçar o coração, fazendo-o saltar de alegria. Modifica a realidade mesmo nos momentos de dor. Traz alento, é fruto da esperança de que dias melhores virão, porque reconhecemos que somos amados, que fazemos parte de um todo maior, de um projeto que tem a sua origem em Deus, no qual tomamos parte de modo responsável e livre, oferecendo respeito e cuidado.

A solidariedade, a amizade, o carinho e o afeto vão sempre trazer à luz a esperança de dias melhores, na harmonia da casa comum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na encíclica *Laudato si'*, que em 2020 comemora cinco anos de sua publicação, o papa Francisco, inspirado por Francisco de Assis, chama a Terra de “nossa irmã, a Mãe Terra” (LS 1). Ele insiste que fazemos parte de um todo, que comungamos do projeto da criação e que assumimos, de nossa parte, uma atenção para o cuidado e para a responsabilidade. A Terra nos antecedeu na criação, ela se desenvolveu atendendo a ordem do criador, como ato de louvor e gratidão. Como mãe que aguarda o nascimento do filho, a Terra também nos aguardou, e assim, passamos a fazer parte de um processo maior. A Terra se fez e se faz mãe, mãe da humanidade, cuidando em tudo para sua subsistência, para que essa cresça e se desenvolva, propiciando o alimento e as condições necessárias. Mãe carinhosa e generosa que não mede esforços para ver seus filhos construírem também a sua história e se realizarem para aquilo que foram criados, à vocação última, o chamado que dá sentido a tudo o que existe. A Terra louva ao criador com sua generosidade abundante, sempre se reconstruindo e se readaptando às interferências e descuidos humanos. Entretanto, ela está ferida, cansada. Até quando poderá resistir? Ou ainda, até quando nós poderemos resistir e sobreviver a esta falta de zelo e atenção? Essas são as grandes questões tocadas na encíclica *Laudato si'*, um documento oferecido a toda humanidade que é chamada a esse envolvimento e a essa responsabilidade, a um compromisso, que como diz a encíclica, o clamor da Terra e o clamor de todos os que sofrem, sobretudo os pobres, se unem em um único grito, um grito de força, de resistência e de protesto, na esperança de que há um futuro para a criação. Nesse futuro nós somos chamados a cooperar, a construir. Fazemos parte de um todo maior, de um horizonte último, que nos convida ao encontro na casa comum. ✨

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

Caminhos de Diálogo, Curitiba, ano 8, n. 13, p. 308-319, jul./dez. 2020
318 ISSN 2595-8208

BAPTISTA, Paulo A. N. **Libertação e ecologia**: a teologia teoantropocósmica de Leonardo Boff. São Paulo: Paulinas, 2011.

BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BOFF, Leonardo. **A casa comum, a espiritualidade, o amor**. São Paulo: Paulinas, 2017.

BOFF, Leonardo. **Ecologia**: grito da Terra, grito dos pobres – dignidade e direitos da Mãe Terra. Ed. rev. e ampl. Petrópolis: Vozes, 2015.

FRANCISCO. **Carta encíclica Laudato sí'**: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Loyola, 2015.

FRANCISCO. **Exortação apostólica Evangelii gaudium**: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Loyola, 2013.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Onde dormirão os pobres?** 3. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

HATHAWAY, Mark; BOFF, Leonardo. **O tao da libertação**: explorando a ecologia da transformação. Petrópolis: Vozes, 2012.

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade**. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006.

KUZMA, Cesar. O COVID-19 e a vulnerabilidade social. **Instituto Humanitas Unisinos**, 20 mar. 2020. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597260-o-covid-19-e-a-vulnerabilidade-social>>. Acesso em: 29 maio 2020.

LIBANIO, João B. **As lógicas da cidade**. São Paulo: Loyola, 2002.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MOLTMANN, Jürgen. **Deus na criação**: doutrina ecológica da criação. Petrópolis: Vozes, 1993.

MOLTMANN, Jürgen. La terra “nostra pátria”? In: MOLTMANN, Jürgen; STEFANI, Piero; TRIANNI, Paolo. **La terra come casa comune**. Bologna: Edizioni Dehoniane, 2017.

MOLTMANN, Jürgen; BOFF, Leonardo. **Há esperança para a criação ameaçada?** Petrópolis: Vozes, 2014.

Recebido em: 30/05/2020.

Aceito em: 30/11/2020.